



Conexão
Linguagem

LÍNGUA PORTUGUESA • ENSINO MÉDIO

Quem ri seus males espanta – Piadas

Guia do Professor



Trabalhar com piadas em sala de aula é um meio diferente – e, como você verá, muito eficiente – de lidar com diversos temas relevantes no ensino de língua portuguesa. As piadas, em geral, são um tipo de texto que contém dados valiosíssimos a partir dos quais é possível discutir sintaxe, morfologia, fonologia, regras de conversação, inferências, pressuposição, polissemia...

Ficha Técnica

Universidade Estadual de Campinas

Reitor: José Tadeu Jorge

Vice-Reitor: Fernando Ferreira Costa

Grupo Gestor de Projetos Educacionais

Coordenador: Fernando Arantes

Gerente Executiva: Miriam C. C. de Oliveira

Instituto de Estudos da Linguagem

Diretor: Alcir Pécora

Vice-Diretora: Nina Virgínia Araújo Leite

Projeto Língua Portuguesa

Coordenação de Mídia - Audiovisuais: Eduardo Paiva

Coordenação de Mídia - Software: Heloisa Vieira Rocha

Equipe de Língua Portuguesa

Coordenação Geral: Carmen Zink Bolonhini

Coordenadores de Equipe

Carmen Zink Bolonhini

Eduardo Guimarães

Isabella Tardin Cardoso

Márcia Abreu

Maria Irma Hadler Coudry

Mônica Zoppi Fontana

Sírio Possenti

Suzy Lagazzi

Tânia Alkmim

Vandersi Sant'Ana Castro

Autoria

Sírio Possenti, Marcela Franco Fossey, Gisele Maria Franchi, Bruno Büll de Oliveira, Diego de Cravalho Moraes

A Universidade Estadual de Campinas autoriza a cópia, distribuição, exibição e execução do material desenvolvido de sua titularidade, sem fins comerciais, assim como a criação de obras derivadas, desde que se dê crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante, assim como a obra deverá compartilhar Licença idêntica a esta. Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que se obtenha permissão do autor. O não cumprimento desta Licença acarretará nas penas previstas pela lei 9.610/98.

Sinopse

Trata-se de um programa destinado a alunos do 1º. ano do Ensino Médio, que objetiva, com base nos exemplos de análise de algumas piadas, sensibilizá-los para questões relativas ao funcionamento da linguagem, nos diversos “níveis”, tais como fonética, gramática, semântica, pragmática, discurso. A análise desses aspectos leva em consideração o cotidiano dos alunos, já que contar piados é uma prática corriqueira, e alertá-los para a maneira pela qual esses pequenos textos materializam aspectos culturais, estereótipos, conceitos e pré-conceitos.

São dois, portanto, os pontos abordados no episódio: a análise lingüística da língua portuguesa tal qual falada no Brasil e a análise cultural de questões brasileiras (embora algumas sejam talvez universais).

QUEM RI POR ÚLTIMO...

Sempre (ou quase sempre!) que alguém conta uma piada, a nossa reação é o riso. Mas você já parou para pensar sobre o riso, sobre *por que* rimos? Muitos estudiosos já! Importantes filósofos como Aristóteles, Descartes, Thomas Hobbes, Henri Bergson, entre outros, estudaram o riso e escreveram interessantes obras sobre esse fenômeno. A conclusão a que chegaram é no mínimo curiosa: segundo eles, o riso estaria associado ao desprezo que sentimos pelos outros. É isso mesmo. Pense nos tipos de piada que você conhece: piada de português, de argentino, de americano, de baiano, de mineiro, de gaúcho, de judeu, de político, de advogado, de loira, etc. Percebe que nos divertimos “inventando” estereótipos negativos?

Mas antes que você comece a achar que rir, em vez de ser o melhor remédio, seja, na verdade, um remédio muito amargo (pelo menos para os outros...), é preciso dizer que, ao ouvirmos uma piada, nós não rimos só do rebaixamento do outro. Rimos, talvez principalmente, porque a piada envolve uma técnica, uma espécie de brincadeira com a linguagem.

Entendendo a piada

Antes de saber como uma piada funciona, isto é, antes de conhecer as suas principais técnicas, seria interessante dizer algumas coisas a respeito do gênero piada. O termo “piada” designa um texto humorístico não muito extenso (embora possa haver uma piada que ocupe mais de uma página, o mais comum é que ela tenha algumas poucas linhas). De um modo geral, trata-se de um texto que costuma criar certa expectativa em seu leitor ou ouvinte, para, em seguida, quebrar essa expectativa. É justamente por causa dessa quebra de expectativa, dessa mudança de rumo, que a piada apresenta um desfecho completamente inesperado. E, por isso, engraçado.

Essa quebra de expectativa, ou surpresa, é ocasionada por certos tipos de jogo lingüístico ou textual.

Vejamos alguns exemplos:

a) Sintaxe

Em um cemitério, duas pessoas caminham lendo lápides, quando se deparam com os seguintes dizeres: AQUI JAZ UM POLÍTICO E UM HOMEM HONESTO. Uma delas, então, comenta: “Nossa, que povo pão-duro! Enterraram duas pessoas em um mesmo caixão.”

A graça da piada decorre da possibilidade de ler a frase como um período composto: “aqui jaz um político e (jaz) um homem honesto”. Outra leitura possível (e sem graça nenhuma, mas que seria a mais “normal”, digamos) é interpretar a frase como um período simples. Nesse caso, o político e o homem honesto seriam a mesma pessoa (a conjunção “e” estaria somando duas características a um mesmo homem, a saber, ser político e ser honesto). Um período simples que parece composto, ou que pode ser lido como composto, este é o segredo da técnica dessa piada. Claro, não se pode esquecer que se faz isso para “falar mal” dos políticos...

b) Divisão de palavras

- Qual é o carro que avisa quando vai chover?
- ???
- Celta preto.

Para entender essa piada, “celta preto” deve ser lido como “céu tá preto”. Além da divisão de palavras, piadas como essas costumam também jogar com os sons da língua (eventualmente, com a escrita, com a relação entre sons e letras): perceba que “cel” tem o mesmo som que “céu”, na maioria das variedades do português brasileiro.

c) Subentendido

- *Como o neurônio de uma loira morre?*
- *???*
- *Sozinho.*

O subentendido é um sentido que se descobre num texto apesar de não estar expresso claramente. Na piada acima, subentende-se que a loira, que, nas piadas é apresentada como sendo burra, tem apenas um neurônio. É como se o leitor da piada, no final, pensasse “claro, ela é burra!”. Veja que a interpretação da piada - do subentendido que ela contém – supõe que se saiba, mesmo que de maneira não muito precisa, que inteligência tem a ver com número de neurônios.

d) Pressuposto

- *Preciso de um emprego. Tenho quinze filhos.*
- *E o que mais o senhor sabe fazer?*

Assim como o subentendido, o pressuposto é uma “idéia” não expressa de maneira clara. Mas no caso do pressuposto, essa “idéia” é consequência do sentido de certas palavras ou expressões. Na piada acima, a palavra “mais” tem o sentido de que fazer filhos pode ser um tipo de habilidade que possa constar no currículo de alguém que procura emprego. Daí a graça da piada.

e) Variação lingüística

- *Joãozinho, dê um exemplo de verbo.*
- *Bicicreta.*
- *Não se diz "bicicreta". Diz-se "bicicleta". Além disso, bicicleta não é um verbo, meu querido. Tente outra vez.*
- *Prástico.*
- *Não é "prástico". É plástico. E plástico também não é verbo. Vá, tente lá outra vez.*
- *Hospedar.*
- *Muito bem! Agora construa uma frase com o verbo que escolheu.*
- *Hospedar da minha bicicleta são de prástico.*

As línguas são faladas de maneiras diferentes por falantes diferentes. Vários fatores contribuem para isso: região, classe social, faixa etária, escolaridade e grau de formalidade da situação. A piada acima explora um traço da chamada “fala caipira”, que é a troca do “l” pelo “r” no final e no meio da (“pedal” x “pedar” / plástico x prástico). E também, indiretamente, a separação ou a junção de palavras.

f) Palavras (léxico)

- *Por que a mulher do Hulk divorciou-se dele?*
- *???*
- *Porque ela queria um homem mais maduro.*

A graça está no duplo sentido da palavra “maduro”, que pode significar, no contexto em questão: “que não é verde” e “experiente”. Mas observe como a piada é sofisticada: para ser entendida, é preciso que o ouvinte / leitor saiba que o Hulk é verde! Então, a piada também supõe um conhecimento de coisas do mundo, no caso, alguma cultura sobre cinema e história em quadrinhos.

Piadas: boas de gatilho

Como os exemplos mostram, sempre há uma espécie de sentido escondido na piada, que se revela no final. A palavra ou expressão que está no centro da técnica que faz uma piada ser piada recebe o nome de “gatilho”, pois ela é o mecanismo lingüístico que “dispara” a segunda interpretação (a engraçada) da piada. No caso do último exemplo, o gatilho é a palavra “maduro”. Há piadas que funcionam graças a uma quebra de expectativa que não é causada por uma palavra ou expressão, mas por um esquema. Por exemplo, o leitor ou ouvinte espera um desfecho da história ou um comportamento de alguma personagem, mas o texto toma um outro rumo, tem um desfecho inusitado (a piada do homem que está se afogando no rio, no programa que você acabou de ouvir, é um exemplo).

As piadas possibilitam duas interpretações (pelo menos): uma está sempre mais explícita, é mais óbvia e em geral não tem graça. A outra, que é acionada geralmente por um gatilho, é menos óbvia e costuma ser engraçada. Mas, atenção! É a segunda interpretação a que é esperada nos textos de humor. Eles, de certa forma, impõem essa leitura: uma piada tem que ser interpretada como uma piada. Isso significa que o próprio texto “pede” para ser lido como um texto de humor. Tanto é verdade que, quando a gente não consegue “processar” a interpretação exigida pela piada, nós ficamos com aquela cara de “ué?”...

Discursos proibidos: só rindo

Com certeza, você já ouviu uma piada de sogra, não é? Lembra-se de como a sogra é caracterizada nas piadas? Aposto que você não vai dizer que ela é retratada como uma segunda mãe... Pois é. As sogras, nas piadas, são consideradas pessoas insuportáveis. O mesmo ocorre com os argentinos. As loiras são taxadas de burras; os judeus, de sovinas, e assim por diante. Convenhamos que dizer isso claramente seria meio chocante... Mas, insinuado nas piadas, esse sentido diverte muita gente. E vale a pena discutir por que nos divertimos com isso.

As piadas operam com estereótipos, idéias preconcebidas que resultam de falsas generalizações. Se você der uma olhada numa lista de piadas já “classificadas” em sites de humor, vai perceber a forma discriminatória e racista com que identificamos certas pessoas ou grupos. Por que isso? De fato, as piadas não inventam esses conteúdos. Elas reproduzem uma representação imaginária que uma sociedade tem desses grupos.

As piadas veiculam também temas considerados tabus: sexo, homossexualismo, morte, raça / etnia, etc. Entretanto, elas normalmente não fazem isso de modo explícito. É aí que entra o gatilho lingüístico de que falamos mais acima: é ele que aciona um sentido relacionado a um desses temas tabus.

É interessante pensar, então, que as piadas têm dois lados, por assim dizer: veiculam tabus e preconceitos, sempre de uma forma não muito explícita, mas que, paradoxalmente, deverá ficar óbvia para o seu ouvinte ou leitor. São bem engenhosas, não?

Destrinchando a piada

Para ficar mais claro, que tal acompanhar a análise de uma piada?
Vamos lá!

O português estava num vôo para os Estados Unidos, quando o avião deu problema numa turbina e começou cair. Todo mundo vestiu a mochila com o pára-quedas e saltou do avião, menos o português, que preferiu passar um spray na cabeça e pular sem a mochila. O português, claro, se espatifou todo no chão. Quando os peritos foram recolher os destroços do avião, acharam a lata de spray do português. E leram no rótulo: PARA QUEDA DE CABELOS.

Enquanto você estava lendo essa piada, muito provavelmente, ficou na expectativa de saber por que o português decidiu saltar sem a mochila do pára-

quedas e, principalmente, por que ele resolveu passar um spray nos cabelos antes de pular do avião. Essa expectativa foi quebrada somente no finalzinho da piada, quando foi revelado o que estava escrito no rótulo do spray usado pelo português. “Para queda de cabelos” é, portanto, o gatilho dessa piada. É ele quem aciona um final surpreendente e engraçado. Mas como ele faz isso?

A frase “para queda de cabelos” estava escrita no rótulo de um spray, um tipo de produto que promete combater a queda de cabelos. Na leitura do português, porém, “para queda” foi interpretada como sendo uma única palavra, cujo significado é “objeto em forma de guarda-chuva, usado para diminuir a velocidade da queda dos corpos”. Isso mesmo! Ele pensou que se tratava de um pára-quedas! Com efeito, a palavra “pára-quedas” é às vezes pronunciada como “pára-queda” (sem o “s” final). PARA QUEDA DE CABELOS, então, seria um pára-quedas para usar nos cabelos (por isso, vem em spray!).

Lembra-se de que dissemos que as piadas operam com estereótipos? Então. Essa piada “ridiculariza” os portugueses, toma-os como ignorantes. Mas faz isso, como você pode perceber, de um modo não-explicito.

As piadas são ou não são mesmo muito engenhosas?